

Gustave Flaubert

Três contos

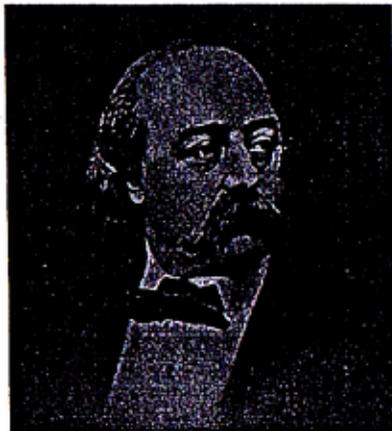


Foto: Nadar, c. 1865

Tradução

Milton Hatoum e Samuel Titan Jr.

Prefácio

Samuel Titan Jr.

COSACNAIFY

Ano 1.º t.º

perspectiva desolada, como luta pelo poder. Na cena final, que parece apontar para a revelação de Cristo, o que mais se faz notar é o peso da cabeça decepada. Aqui, a experiência contemporânea dita a reconstrução do passado, que por sua vez parece antecipar o presente, conferindo-lhe ressonâncias míticas e criando um vertiginoso curto-circuito temporal.

Flaubert morreria em 1880, três anos depois de publicar os contos, mas sem completar *Bouvard e Pécuchet*, sua enciclopédia da estupidez humana. Com isso, os *Três contos* tornaram-se a última obra concluída pelo autor, uma espécie de testamento literário. São histórias exemplares, não tanto pelo tom cândido e piedoso que os jornais da época quiseram ver, mas por recolherem todos os temas e preocupações do autor em sua prosa mais madura.

Um coração simples

I

Durante meio século, as burguesas de Pont-l'Évêque invejaram à sra. Aubain sua criada Félicité.

Por cem francos ao ano, ela cuidava da casa e, da cozinha, costurava, lavava, passava, sabia arrear um cavalo, engordar as aves de criação, fazer manteiga – e continuou fiel à patroa, que entretanto não era uma pessoa amável.

Esta havia casado com um belo rapaz sem dinheiro, morto no início de 1809, deixando-lhe dois filhos pequenos e muitas dívidas. Então ela vendeu seus imóveis, salvo a granja de Toucques e a granja de Gefosses, cujas rendas chegavam no máximo a cinco mil francos ao ano, e deixou a casa de Saint-Melanie para viver em outra, menos dispendiosa, que pertencera a seus antepassados e ficava atrás do mercado.

A casa, revestida de ardósias, situava-se entre uma travessa e uma ruela que ia dar no rio. No interior, os desníveis do chão faziam tropeçar. Um vestíbulo estreito separava a cozinha do *salão*

onde a sra. Aubain passava o dia inteiro, sentada à janela numa poltrona de palhinha. Rente ao lambri, pintado de branco, alinhavam-se oito cadeiras de mogno. Um velho piano sustentava, logo abaixo de um barômetro, uma pilha piramidal de caixas e cartões. Duas poltronas estofadas ladeavam a lareira em mármore amarelo e estilo Luís xv. O relógio de pêndulo, ao centro, representava um templo de Vesta – e todo o cômodo cheirava um pouco a mofo, pois o piso era mais baixo que o jardim.

No primeiro andar, vinha logo o quarto da “Senhora”, muito espaçoso, revestido com papel em flores pálidas e abrigando um retrato do “Senhor” em traje de almofadinha. Esse quarto dava para um outro, menor, onde se viam duas caminhas de criança, sem colchões. Depois havia um salão, sempre fechado e repleto de móveis cobertos com lençóis. Em seguida, um corredor conduzia a um gabinete de estudos; livros e papéis ocupavam as prateleiras de uma biblioteca que cercava por três lados uma grande escrivaninha em madeira escura. Os dois painéis em relevo desapareciam sob desenhos em bico de pena, paisagens em guache e gravuras de Audran, lembranças de um tempo melhor e de um luxo esvaído. Uma lucarna no segundo andar iluminava o quarto de Félicité, com vista para as campinas.

Ela se levantava ao nascer do sol, para não perder a missa, e trabalhava até a noite sem interrupção; depois, terminado o jantar, a louça em ordem e a porta bem fechada, cobria a lenha com as cinzas e adormecia diante do fogo, o rosário nas mãos. Na hora da barganha, ninguém era mais obstinado. Quanto à limpeza, o brilho de suas panelas era o desespero das outras criadas. Econômica, ela comia com lentidão e, com o dedo, recolhia da mesa as migalhas de seu pão – um pão de doze libras, assado especialmente para ela e que durava vinte dias.

Em qualquer estação, trazia às costas um lenço de chita preso por um alfinete, uma touca escondendo-lhe os cabelos, meias cinzentas, uma saia vermelha e, por cima da camisa, um avental de babador, como as enfermeiras de hospital.

O rosto era magro e a voz, aguda. Aos vinte e cinco anos, davam-lhe quarenta. A partir dos cinqüenta, não aparentou mais idade nenhuma; e sempre silenciosa, o porte rijo e os gestos comedidos, parecia uma mulher de madeira, funcionando de maneira automática.

II

Ela tivera, como qualquer outra, sua história de amor.

O pai, pedreiro, morrera ao cair de um andaime. Depois a mãe morreu, as irmãs se dispersaram, o dono de uma granja recolheu-a e a mandou, pequenina ainda, cuidar das vacas no pasto. Ela tiritava em seus farrapos, bebia de bruços a água dos brejos, era surrada sem razão e finalmente foi expulsa por conta do furto de trinta centavos, que ela não cometera. Entrou para outra granja, onde tratava do galinheiro e, como agradava aos patrões, era invejada pelos camaradas.

Uma noite do mês de agosto (tinha então dezoito anos), levaram-na à festa de Colleville. Logo de início ficou tonta, estupefata com o estrépito das rabecas, as luminárias nas árvores, o colorido das roupas, as rendas, as cruces douradas, aquela massa de gente saltitando ao mesmo tempo. Estava à parte, modestamente, quando um rapaz de aparência abastada e que fumava seu cachimbo com os dois cotovelos sobre o varal de uma carroça veio convidá-la para dançar. Pagou-lhe sidra, café, biscoitos, uma

echarpe e, imaginando que ela o compreendia, ofereceu-se para levá-la até em casa. À beira de um campo de aveia, derrubou-a brutalmente. Ela se assustou e começou a gritar. Ele foi embora.

Outra noite, no caminho de Beaumont, ela quis ultrapassar uma grande carroça de feno que avançava lentamente quando, caminhando junto às rodas, reconheceu Théodore.

Ele se aproximou com ar tranqüilo, dizendo que merecia perdão, pois tudo fora "culpa da bebida".

Ela não soube o que responder e tinha vontade de fugir.

Sem demora, ele passou a falar das colheitas e dos notáveis do lugar, pois seu pai abandonara Colevillé para viver na granja de Écots, de modo que agora eram vizinhos. "Ah!", disse ela. Ele acrescentou que agora queriam arrumar sua vida. Mas não tinha pressa e esperava uma mulher a seu gosto. Ela baixou a cabeça. Então ele perguntou se pensava em casamento. Ela retrucou, sorrindo, que era feio caçoar assim. "Mas não, juro!", e com o braço esquerdo enlaçou sua cintura; ela andava apoiada nele; diminuíram o passo. O ar estava parado, as estrelas brilhavam, a enorme carroça de feno oscilava diante deles; e os quatro cavalos, arrastando as patas, levantavam poeira. Depois, sem precisar de ordens, dobraram à direita. Ele a abraçou mais uma vez. Ela desapareceu no escuro.

Théodore, na semana seguinte, conseguiu alguns encontros.

Viam-se no fundo dos pátios, atrás de um muro, sob uma árvore isolada. Ela não era inocente à maneira das senhoritas – os animais haviam-na instruído; mas a razão e o instinto de honra impediram-na de fraquejar. Essa resistência exasperou Théodore a tal ponto que, para satisfazer seu amor (ou talvez ingenuamente), propôs casamento. Ela hesitava em acreditar. Ele fez grandes juras.

Pouco depois, confessou uma coisa embaraçosa: seus pais, um ano antes, haviam comprado um sujeito; mas de um dia para outro podia ser reconvocato; a idéia de prestar o serviço militar o apavorava.* Essa covardia foi para Félicité uma prova de ternura; a sua redobrou. Escapava à noite e, durante o encontro, Théodore torturava-a com inquietações e insistências.

Por fim, anunciou que iria ele mesmo à prefeitura para pedir informações e voltaria no domingo seguinte, entre as onze horas e a meia-noite.

Chegado o momento, ela correu para o amado.

No lugar dele, encontrou um de seus amigos.

Este lhe contou que não poderia mais vê-lo. Para se garantir do alistamento, Théodore havia casado com uma velha muito rica, a sra. Lehoussais, de Toucques.

Foi uma dor desenfreada. Ela se atirou no chão, gritou, chamou pelo bom Deus e gemeu sozinha no campo até o raiar do sol. Depois, retornou à granja, anunciou a intenção de partir; e, ao fim do mês, tendo recebido as contas, embrulhou num lenço toda a sua pouca bagagem e rumou para Pont-l'Évêque.

Diante do albergue, dirigiu-se a uma burguesa com capelina de viúva e que justamente procurava uma cozinheira. A moça não sabia grande coisa, mas parecia ter tanta boa vontade e tão poucas exigências que a sra. Aubain acabou por dizer:

– Está bem, o emprego é seu!

Félicité, um quarto de hora mais tarde, estava instalada em sua casa.

* Até o começo do século XX, fazia-se o alistamento militar por sorteio, mas os conscritos podiam "comprar um homem", isto é, pagar por um substituto; na *Educação sentimental*, o pai de Deslauriers é justamente um "negociante de homens" em Troyes. [N.T.]

De início, viveu numa espécie de tremor que lhe causavam “a classe da casa” e a lembrança do “Senhor”, pairando em toda parte! Paul e Virginie, um de sete anos, a outra com menos de quatro, pareciam-lhe formados de uma matéria preciosa; carregava-os nas costas como um cavalo, e a sra. Aubain proibiu-a de beijá-los o tempo todo, o que a mortificou. No entanto, sentia-se feliz. A doçura do ambiente havia dissipado sua tristeza.

Todas as quinta-feiras, os íntimos da casa vinham jogar uma partida de *boston*. Félicité deixava prontas as cartas e os aquecedores. Chegavam às oito em ponto e se retiravam antes de soarem as onze.

Toda segunda-feira pela manhã, o dono do ferro-velho que morava mais abaixo na alameda espalhava suas tralhas pelo chão. Depois a cidade se enchia de um zumbido em que os relinchos de cavalos, balidos de cordeiros e grunhidos de porcos se misturavam ao ruído seco das carroças pela rua. Por volta do meio-dia, no auge da feira, aparecia na soleira da porta um velho camponês de boa estatura, o boné para trás, o nariz adunco: era Robelin, o granjeiro de Geffosses. Pouco depois era a vez Liébard, baixo, avermelhado, obeso, usando um casaco cinzento e polainas com esporas.

Ofereciam à proprietária galinhas e queijos. Félicité invariavelmente desarmava suas artimanhas; e os dois iam embora cheios de consideração por ela.

Veza por outra, a sra. Aubain recebia a visita do marquês de Gremenville, um de seus tios, arruinado pela bebedeira e que vivia em Falaise, no último torrão de suas terras. Aparecia sempre à hora do almoço, com um cachorrinho abominável, cujas patas sujavam todos os móveis. Apesar dos esforços para se mostrar fidalgo, a ponto de levantar o chapéu sempre que dizia “meu defunto pai”, era arrastado pelo hábito, bebia um trago atrás do

outro e soltava gracejos. Félicité empurrava-o delicadamente para fora: “Basta por hoje, senhor de Gremenville! Até a próxima!”. E fechava a porta.

Ela a abria com prazer para o sr. Bourais, antigo procurador. A gravata branca e a calvície, o peitilho da camisa, a ampla sobrecasaca escura, o jeito de cheirar rapé arqueando o braço, toda a sua pessoa causava nela a perturbação que o espetáculo dos homens extraordinários provoca.

Como geria as propriedades da “Senhora”, fechava-se com ela durante horas no gabinete do “Senhor”, e temia sempre se comprometer, respeitava infinitamente a magistratura, tinha pretensões de latinista.

Para instruir as crianças de maneira agradável, deu-lhes de presente um atlas com gravuras. Representavam diferentes cenas do mundo, antropófagos com plumas na cabeça, um macaco raptando uma moça, beduínos no deserto, uma baleia arpoada etc.

Paul explicou as gravuras a Félicité. Foi essa toda a sua educação literária.

A das crianças cabia a Guyot, um pobre-diabo empregado na prefeitura, famoso pela boa caligrafia e que afiava o canivete na bota.

Quando o céu estava limpo, saíam cedo para a granja de Geffosses.

O pátio é inclinado, a casa fica no meio; e o mar, ao longe, parece uma mancha cinzenta.

Félicité tirava fatias de carne fria dos cestos, e almoçavam num cômodo vizinho à leiteria. Era só o que restava de uma casa de veraneio, agora desaparecida. O papel das paredes, em tiras, tremia com as correntes de ar. A sra. Aubain inclinava a cabeça,

acabrunhada pelas lembranças; as crianças não se atreviam mais a falar. “Vão brincar!”, dizia; elas saíam correndo.

Paul subia no celeiro, apanhava pássaros, atirava pedras na superfície do charco ou batucava com um pedaço de pau nos grandes tonéis, que ressoavam como tambores.

Virginie alimentava os coelhos, corria para colher centáureas, e a rapidez de suas pernas deixava à mostra as calçolas bordadas.

Num anoitecer de outono, voltaram pelo pasto.

A lua em quarto crescente iluminava uma parte do céu, e um nevoeiro fluuava como uma echarpe sobre as sinuosidades do Toucques. Os bois estendidos pela relva olhavam tranqüilamente as quatro pessoas que passavam. No terceiro curral, alguns se levantaram e se postaram em semicírculo diante deles. “Não tenham medo!”, disse Félicité; e, murmurando uma espécie de lamento, afagou o lombo do que estava mais perto; o animal deu meia-volta, os outros o imitaram. Mas depois de atravessar o pasto seguinte, ouviram um mugido formidável. Era um touro que o nevoeiro escondia. Avançou em direção às duas mulheres. A sra. Aubain ia correr. “Não, não! Mais devagar!” Mesmo assim, apressavam o passo e ouviam às costas um resfolegar sonoro que se aproximava. Os cascos, como martelos, pateavam a relva do campo; agora ele vinha galopando! Félicité se virou para o animal e com as mãos arrancava punhados de terra, que lhe jogava nos olhos. Ele baixava o focinho, sacudia os chifres e tremia de fúria, mugindo horrivelmente. A sra. Aubain, na beira do pasto com as duas crianças, buscava desesperada um meio de saltar o valado alto. Félicité continuava a recuar, encarando o touro, e não parava de jogar tufo de grama que o cegavam, enquanto gritava: “Depressa! Depressa!”

A sra. Aubain desceu a vala, empurrou Virginie, em seguida Paul, caiu várias vezes ao tentar subir o talude e, cheia de coragem, por fim conseguiu.

O touro havia encurralado Félicité numa porteir; sua baba salpicava o rosto dela, um segundo mais e a estriparia. Ela só teve tempo de escapular entre duas estacas, e o imenso animal, surpreso, parou.

Esse acontecimento foi, durante muitos anos, assunto de conversa em Pont-l'Éveque. Félicité não se orgulhou disso, mal desconfiando que tivesse feito algo de heróico.

Virginie ocupava-a exclusivamente – pois, com o susto, ela contraiu um distúrbio nervoso, e o médico, o sr. Poupart, aconselhou os banhos de mar em Trouville.

Naquele tempo, não eram freqüentados. A sra. Aubain se informou, consultou Bourais, fez preparativos para uma longa viagem.

As malas seguiram antes, na charrete de Liébard. No dia seguinte, ele trouxe dois cavalos, um deles com uma sela para mulher, com encosto de veludo; e, na garupa do segundo, uma manta enrolada formava uma espécie de assento. A sra. Aubain montou esse, atrás de Liébard. Félicité tomou conta de Virginie, e Paul escarranchou-se no burro do sr. Lechaptois, emprestado sob condição de cuidarem muito bem dele.

A estrada era tão ruim que seus oito quilômetros exigiram duas horas. Os cavalos se afundavam na lama até as ranilhas e, para sair, faziam bruscos movimentos com as ancas; ou então resvalavam nos sulcos das rodas; outras vezes, tinham de saltar. A égua de Liébard, em certos lugares, empacava de repente. Ele esperava com paciência que tornasse a andar; e falava das pessoas cujas propriedades margeavam a estrada, acrescentando reflexões morais às

histórias. Assim, no meio de Toucques, quando passavam diante de umas janelas rodeadas de capuchinhas, ele disse, dando de ombros:

– Olhe ali a sra. Lehoussais, que em vez de se casar com um rapaz... – Félicité não escutou o resto; os cavalos trotavam, o burro galopava; enfiaram por um atalho, uma cancela se abriu, dois meninos apareceram, e todos apearam diante de um monte de esterco, bem na soleira da porta.

A mãe Liébard, vendo a patroa, prodigalizou as demonstrações de alegria. Serviu-lhe um almoço em que havia lombo, tripas, morcela, fricassê de frango, sidra espumante, torta de compota e ameixas em aguardente, tudo acompanhado de amabilidades à senhora, que aparentava ótima saúde, à senhorita, agora “magnífica”, ao sr. Paul, singularmente “encorpado”, sem esquecer os finados avós que os Liébard tinham conhecido, pois serviam à família havia muitas gerações. A granja tinha, como eles, um ar de antiguidade. As vigas do teto estavam carcomidas, as paredes, enegrecidas pela fumaça, as vidraças, cinzentas de poeira. Um aparador de carvalho guardava todo tipo de utensílio: bilhas, pratos, escudelas de estanho, armadilhas para lobo, tosquiadores para os carneiros; uma enorme seringa fez as crianças rirem. Não havia uma só árvore nos três pátios que não tivesse cogumelos na base ou um tufo de visco nos galhos. O vento havia derrubado muitas. Brotavam de novo; e todas vergavam sob o peso das maçãs. Os tetos de palha, como um veludo pardo de espessura desigual, resistiam às mais fortes borrascas. No entanto, a cocheira estava em ruínas. A sra. Aubain disse que pensaria no caso e mandou encilhar os animais.

Ainda demorou meia hora para chegarem a Trouville. A pequena caravana teve de seguir a pé para passar os *Écores*: era uma falésia que se despenhava até os barcos; e três minutos depois, no

fim do cais, entraram no pátio do *Cordeiro de Ouro*, o albergue da velha David.

Virginie, desde os primeiros dias, sentiu-se menos fraca, resultado da mudança de ares e da ação dos banhos. Ela os tomava de camisa, à falta de um traje; e sua babá a vestia de novo numa cabana da alfândega que servia aos banhistas.

À tarde, iam com o burro mais além de Roches-Noires, para os lados de Hennequeville. A trilha, de início, subia entre terrenos irregulares como o gramado de um parque, depois alcançava um platô em que se alternavam pastagens e campos cultivados. À beira do caminho, no emaranhado das silvas, cresciam azevinhos; aqui e ali, uma grande árvore morta fazia ziguezues no céu azul com seus galhos.

Quase sempre repousavam num prado, tendo Deauville à esquerda, Le Havre à direita e em frente o mar aberto. Ele brilhava ao sol, liso como um espelho, tão calmo que mal se ouvia o seu murmúrio; os pardais escondidos piavam, e o arco imenso do céu recobria tudo. A sra. Aubain, sentada, trabalhava em sua costura; Virginie, ao lado, trançava juncos; Félicité colhia flores de lavanda; Paul, que se aborrecia, queria partir.

Outras vezes, tendo cruzado o Toucques de barco, iam catar conchas. A maré baixa deixava a descoberto ouriços-do-mar, peixinhos dourados, medusas; e as crianças corriam para agarrar os flocos de espuma que o vento levava. As ondas sonolentas, quebrando na areia, espalhavam-se pelo cascalho; este se estendia a perder de vista, mas do lado da terra tinha por limite as dunas que o separavam do *Marais*, grande campina em forma de hipódromo. Quando voltavam por ali, Trouville, mais ao fundo na encosta da colina, crescia a cada passo e, com todas as suas casas desiguais, parecia expandir-se numa desordem alegre.

Nos dias em que fazia muito calor, não saíam do quarto. A claridade ofuscante lá de fora projetava barras de luz entre as ripas das venezianas. Nenhum ruído na cidadezinha. Embaixo, na calçada, ninguém. Esse silêncio difuso aumentava a tranqüilidade das coisas. Ao longe, os martelos dos calafates vedavam as quilhas, e uma brisa pesada trazia o cheiro do piche.

A principal diversão era a volta dos barcos. Tão logo ultrapassavam as balizas, começavam a bordejar. As velas desciam a dois terços dos mastros; e, com a mezena inflada feito um balão, avançavam, deslizavam sobre a arrebentação até o meio do porto, onde a âncora era logo lançada. Em seguida, o barco se postava rente ao cais. Os marinheiros jogavam os peixes palpitantes por cima da amurada; uma fila de charretes os aguardava, e as mulheres de touca de algodão adiantavam-se para carregar os cestos e abraçar os maridos.

Uma delas, certo dia, abordou Félicité, que pouco depois entrou no quarto, toda feliz. Havia reencontrado uma irmã; e Nastasie Barette, Leroux por casamento, apareceu trazendo uma criança de peito, um filho à direita e, à esquerda, um garoto de mãos na cintura e boina caída sobre a orelha.

Quinze minutos mais tarde, a sra. Aubain a dispensou.

Encontravam-nos sempre por perto da cozinha ou dos passeios que faziam. O marido não aparecia nunca.

Félicité criou afeição por eles. Comprou-lhes um cobertor, camisas, um fogão; evidentemente a exploravam. Essa fraqueza irritava a sra. Aubain, que de resto não gostava das familiaridades do sobrinho – pois ele tuteava seu filho; e como Virginie tossia e a estação já não era tão boa, retornou a Pont-l'Évêque.

O sr. Bourais esclareceu-a sobre a escolha de um colégio. O de Caen era considerado o melhor. Paul foi mandado para lá;

e fez as despedidas bravamente, satisfeito por ir morar numa casa em que teria companheiros.

A sra. Aubain resignou-se à partida do filho, uma vez que era indispensável. Virginie pensava nele cada vez menos. Félicité tinha saudade do alvoroço. Mas uma ocupação veio distraí-la; a partir do Natal, levou a menina todos os dias ao catecismo.

III

Depois de se ajoelhar à porta, Félicité avançava pela nave central entre as duas filas de cadeiras, abria o banco da sra. Aubain, sentava e passeava os olhos ao redor.

Os meninos à direita, as meninas à esquerda enchiam os estrados; o padre ficava de pé, junto à estante do coro; num vitral da abside, o Espírito Santo dominava a Virgem; num outro, aparecia de joelhos diante do Menino Jesus, e, atrás do tabernáculo, uma imagem talhada em madeira representava São Miguel matando o dragão.

O padre começou por um resumo da História Sagrada. Ela acreditava ver o paraíso, o dilúvio, a torre de Babel, cidades em chamas, povos que morriam, ídolos derrubados; e guardou dessa visão deslumbrante o respeito pelo Altíssimo e o temor de sua cólera. Depois chorou, ouvindo o relato da Paixão. Por que o tinham crucificado, se ele amava as crianças, alimentava as multidões, curava os cegos e quisera, por humildade, nascer no meio dos pobres, sobre o esterco de um estábulo? As sementeiras, as colheitas, os lagares, todas essas coisas familiares de que fala o Evangelho estavam presentes em sua vida; a passagem de Deus tinha-as santificado; e ela amou com mais ternura os

cordeiros por amor ao Cordeiro, e as pombas por causa do Espírito Santo.

Achava difícil imaginar sua figura; pois ele não era somente um pássaro, mas também um fogo e, outras vezes, um sopro. É talvez a sua luz que volteia à noite às margens dos pântanos, seu alento que impele as nuvens, sua voz que torna os sinos harmônicos; e ela permanecia numa adoração, desfrutando da frescura das paredes e da tranqüilidade da igreja.

Quanto aos dogmas, não compreendia nada, nem mesmo tratou de compreender. O padre discorria, as crianças recitavam, ela acabava adormecendo; e acordava de repente, quando elas, ao sair, batiam com os tamancos nas lajes.

Foi dessa maneira, de tanto ouvir, que aprendeu o catecismo, já que sua educação religiosa fora descuidada na juventude; e desde então imitou todas as práticas de Virginie, jejuando como ela, confessando-se com ela. No dia de Corpus Christi, fizeram juntas um pequeno altar para a procissão.

A primeira comunhão de Virginie atormentava-a de antemão. Agitava-se por causa dos sapatos, do rosário, do missal, das luvas. Com que tremor ela ajudou a mãe a vesti-la!

Durante toda a missa, sentiu uma angústia. O sr. Bourais tapava um lado do coro; mas, bem na frente, o rebanho de virgens, levando coroas brancas por cima dos véus, formava como um campo de neve; e ela reconhecia de longe a menina querida, revelada pelo pescoço gracioso e pela atitude retraída. O sino tocou. As cabeças se curvaram; houve um silêncio. Aos acordes do órgão, os cantores e a multidão entoaram o Agnus Dei, e em seguida o desfile dos meninos começou; depois deles, as meninas se levantaram. Passo a passo, as mãos juntas, avançavam para o altar todo iluminado, ajoelhavam-se no primeiro degrau, rece-

biam sucessivamente a hóstia e na mesma ordem voltavam aos genuflexórios. Quando chegou a vez de Virginie, Félicité se inclinou para vê-la; e, com a imaginação que inspiram as verdadeiras ternuras, pareceu-lhe que ela mesma era a menina; ganhava as feições dela, trajava seu vestido, o coração de Virginie batia em seu peito; no momento de abrir a boca, cerrando as pálpebras, Félicité por pouco não desmaiou.

No dia seguinte, bem cedo, apresentou-se na sacristia, para que o senhor padre lhe desse a comunhão. Recebeu-a devotamente, mas não experimentou as mesmas delícias.

A sra. Aubain queria fazer da filha uma pessoa sofisticada; e, como Guyot não podia ensinar-lhe nem inglês nem música, resolveu interná-la nas Ursulinas de Honfleur.

A menina não se opôs. Félicité suspirava, julgando a Senhora insensível. Depois pensou que a patroa talvez tivesse razão. Essas coisas iam além de sua competência.

Enfim, um dia, uma velha carroça coberta parou à porta, e dela desceu uma religiosa que vinha buscar a Senhorita. Félicité colocou a bagagem na parte de cima, fez recomendações ao cocheiro e pôs no baú seis potes de compota e uma dúzia de pêras, com um buquê de violetas.

Virginie, no último instante, desatou a soluçar; abraçava a mãe, que a beijava na testa, repetindo:

– Vamos! Coragem! Coragem! – o estribo subiu, a carroça partiu.

Então a sra. Aubain desfaleceu; e à noite, todos os seus amigos, o casal Lormeau, a sra. Lechaptois, aquelas senhoritas Rochefeuille, o senhor de Houpeville e Bourais se apresentaram para consolá-la.

No começo, a falta da filha foi muito dolorosa. Mas três vezes

por semana recebia uma carta, nos outros dias lhe escrevia, passeava pelo jardim, lia um pouco e assim preenchia o vazio das horas.

De manhã, por hábito, Félicité entrava no quarto de Virginie e olhava as paredes. Entediava-se por não ter mais que pentear seu cabelo, amarrar suas botas, ajeitá-la na cama – e não ver mais continuamente sua figura gentil, não mais levá-la pela mão quando saíam juntas. No seu ócio, tentou fazer renda. Seus dedos, pesados demais, quebravam os fios; não se acertava com nada, perdera o sono; como ela mesma dizia, estava “arruinada”.

Para “se distrair”, pediu permissão para receber seu sobrinho Victor.

Ele chegava aos domingos, depois da missa, as faces coradas, o peito nu e exalando o cheiro do campo que havia atravessado. Sem demora, ela punha a mesa. Almoçavam um de frente para o outro; e, comendo o menos possível, para diminuir a despesa, ela o enchia de tanta comida que ele acabava adormecendo. Ao primeiro toque das vésperas, acordava-o, escovava sua calça, dava o nó na gravata e se dirigia à igreja apoiada em seu braço, com orgulho maternal.

Os pais sempre o encarregavam de arrancar alguma coisa, fosse um pacote de açúcar mascavo, sabão, aguardente, às vezes até dinheiro. Trazia roupas para remendar; e ela aceitava o encargo, feliz por uma circunstância que o forçasse a retornar.

No mês de agosto, o pai o levou para a navegação de cabotagem.

Era época de férias. A chegada das crianças serviu de consolo para ela. Mas Paul mostrava-se caprichoso, e Virginie não tinha mais idade para ser tuteada, o que introduzia um embaraço, uma barreira entre as duas.

Victor foi sucessivamente a Morlaix, a Dunquerque e a

Brighton; na volta de cada viagem, trazia um presente para Félicité. Na primeira vez, foi uma caixa revestida de conchas; na segunda, uma xícara de café; na terceira, um boneco em pão de ervas. Ia ficando mais bonito, tinha bom porte, um pouco de bigode, olhos bondosos e francos e um chapeuzinho de couro puxado para trás, à maneira dos pilotos. Ele a divertia, contando histórias entremeadas de termos navais.

Numa segunda-feira, 14 de julho de 1819 (ela não esqueceu a data), Victor anunciou que entrara para o longo curso e que, dali a duas noites, pelo paquete de Honfleur, embarcaria numa goleta que devia zarpar de Le Havre proximamente. Ficaria talvez dois anos fora de casa.

A perspectiva de uma tal ausência desolou Félicité; e para lhe dar ainda um adeus, na noite de quarta-feira, após o jantar da Senhora, calçou as galochas e cobriu as quatro milhas que separam Pont-l'Évêque de Honfleur.

Quando chegou ao Calvário, ao invés de virar à esquerda, virou à direita, perdeu-se pelos estaleiros e retornou sobre seus passos; as pessoas que encontrava diziam que se apressasse. Percorreu todo o cais cheio de navios, topava nas amarras; depois o terreno ficou plano, as luzes se cruzavam e ela pensou que estava louca ao ver cavalos pelo céu.

Na beira do cais, outros animais relinchavam, assustados com o mar. Um guindaste os levantava e depositava num barco, em que os viajantes se empurravam entre barricas de sidra, cestos de queijo, sacos de grãos; ouviam-se galinhas cacarejando, o capitão praguejava; e um grumete se debruçava sobre a serviola, indiferente a tudo aquilo. Félicité, que não o reconhecera, gritava: “Victor!”; ele levantou a cabeça; ela se precipitava quando, de repente, retiraram a escada.

O pacote, puxado por mulheres que cantavam, deixou o porto. O madeirame estalava, as ondas pesadas açoitavam a proa. A vela se inflara, não se viu mais ninguém – e, sobre o mar prateado pela lua, ele formava uma mancha negra que empalidecia, se embrenhou, sumiu.

Félicité, passando perto do Calvário, quis recomendar a Deus aquilo que lhe era mais caro; e rezou por muito tempo, de pé, o rosto banhado pelas lágrimas, os olhos voltados para as nuvens. A cidade dormia, os fiscais da alfândega faziam a ronda; e a água escorria sem parar pelos buracos da eclusa, com um barulho de riacho. Soaram as duas horas.

O parlatório não se abriria antes do raiar do dia. Um atraso certamente deixaria a Senhora contrariada; e, apesar do desejo de abraçar a outra criança, voltou para casa. As moças do albergue começavam a despertar quando ela entrou em Pont-l'Évêque.

Então o pobre menino viajaria por meses sobre as ondas! As viagens anteriores não a haviam assustado. Da Inglaterra e da Bretanha todo mundo voltava; mas a América, as Colônias, as Ilhas, tudo isso se perdia numa região incerta, no outro lado do mundo.

Dali em diante, Félicité pensou exclusivamente no sobrinho. Nos dias de sol, padecia de sede; quando havia tempestade, temia os relâmpagos por ele. Escutando o vento que resmungava na chaminé e levava as telhas, ela o via golpeado pela mesma tempestade, no alto de um mastro estraçalhado, todo o corpo vergado sob um lençol de espuma; ou então – lembrança das gravuras do atlas – ele era comido por selvagens, aprisionado na floresta por macacos, deixado à morte numa praia deserta. E jamais falava de suas inquietações.

A senhora Aubain tinha as suas quanto à filha.

As boas freiras achavam-na afetuosa, mas delicada. Enervava-se à menor emoção. Teve que abandonar o piano.

A mãe exigia do convento uma correspondência regular. Certa manhã em que o carteiro não passou, ela se impacientou; e andava pelo salão, da poltrona à janela. Era verdadeiramente extraordinário! Quatro dias sem notícias!

Para que se consolasse com seu exemplo, Félicité disse:

– E eu, senhora, que não recebo nada há seis meses!

– Mas de quem?

A criada respondeu suavemente:

– Ora... do meu sobrinho!

– Ah, seu sobrinho! – e, dando de ombros, a senhora Aubain retomou o vaivém, como quem diz: “Nem me lembrei disso... De qualquer modo, pouco importa! Um grumete, um qualquer, grande coisa! Mas minha filha... Vejam só!”.

Félicité, apesar de crescida na rudeza, indignou-se com a Senhora, depois esqueceu.

Parecia-lhe fácil perder a cabeça por conta da pequena.

As duas crianças tinham importância igual; um elo de seu coração as unia, e seus destinos deviam ser os mesmos.

O farmacêutico contou-lhe que o navio de Victor chegara a Havana. Lera essa notícia numa gazeta.

Por causa dos charutos, ela imaginava Havana como um lugar onde não se faz outra coisa além de fumar, e Victor circulava entre os negros numa nuvem de fumaça. Era possível, “em caso de necessidade”, voltar de lá por terra? A que distância ficava de Pont-l'Évêque? Para saber essas coisas, ela interrogou o sr. Bourais.

Ele foi pegar o atlas, começou a explicar as longitudes; e tinha um belo sorriso pedante com o estupor de Félicité. Por fim, com a lapiseira, indicou nas bordas de uma mancha oval um

ponto negro, imperceptível, acrescentando: "Aqui!". Ela se inclinou sobre o mapa; aquela rede de linhas coloridas cansava sua vista, sem lhe dizer nada; e como Bourais a convidasse a dizer o que a afligia, pediu que lhe mostrasse a casa onde estava Victor. Bourais ergueu os braços, espirrou, riu enormemente; tamanha candura excitava sua alegria; e Félicité não compreendia o motivo – ela, que talvez esperasse ver até o retrato do sobrinho, tão limitada era sua inteligência!

Foi quinze dias mais tarde que Liébard, na hora do mercado, como de hábito, entrou na cozinha e lhe entregou uma carta enviada pelo cunhado. Nenhum dos dois sabendo ler, ela recorreu à patroa.

A sra. Aubain, que contava os nós de um tricô, colocou-o de lado, abriu a carta, estremeceu e, numa voz baixa, com um olhar profundo:

– É uma desgraça... que lhe anunciam. O seu sobrinho...
Estava morto. Não contavam mais nada.

Félicité caiu numa cadeira, apoiando a cabeça no lambri, e fechou as pálpebras, que ficaram imediatamente rosadas. Em seguida, cabisbaixa, as mãos frouxas, o olhar fixo, repetia a intervalos:

– Pobre menino! Pobre menino!

Liébard a observava, suspirando. A sra. Aubain tremia de leve.

Ela lhe propôs que visitasse a irmã, em Trouville.

Félicité respondeu, com um gesto, que não era preciso.

Houve um silêncio. O bom Liébard julgou conveniente se retirar.

Então ela disse:

– Aqueles lá não querem nem saber!

Sua cabeça recaiu; e, maquinalmente, ela levantava, de tanto em tanto, as longas agulhas sobre a mesinha de trabalho.

Algumas mulheres atravessaram o pátio com uma padiola de roupa que respingava.

Percebendo-as através das vidraças, Félicité se lembrou da sua roupa suja; deixara-a na barrela de véspera, hoje tinha que enxaguar; e saiu do aposento.

A tábua e a tina estavam à margem do Toucques. Largou uma pilha de camisas à beira do rio, enrolou as mangas, empunhou o batedouro; e os golpes fortes que dava eram ouvidos nos jardins ao lado. Os prados estavam desertos, o vento agitava o rio; ao fundo, o mato crescido se inclinava, como cabeleiras de cadáveres flutuando na água. Félicité continha a dor, foi valente até a noite; mas, no quarto, ela se entregou, de bruços sobre o colchão, o rosto no travesseiro e os dois punhos contra as têmporas.

Muito depois, pelo próprio capitão de Victor, soube das circunstâncias de seu fim. Haviam-no sangrado além da conta, por causa da febre amarela. Quatro médicos o seguravam ao mesmo tempo. Morrera imediatamente, e o médico-chefe dissera:

– Bem, mais um!

Os pais sempre trataram o menino com barbárie. Ela preferiu não revê-los; e eles não fizeram nenhum gesto, por esquecimento ou por indiferença de miseráveis.

Virginie se debilitava.

Opressões, tosse, uma febre contínua e manchas violáceas no rosto indicavam alguma afecção profunda. O sr. Poupart aconselhara uma temporada na Provença. A sra. Aubain decidiu-se a tanto, e teria trazido logo a filha de volta para casa, não fosse o clima de Pont-l'Évêque.

Chegou a um acordo com o dono de uma carroça, que a levava ao convento toda terça-feira. No jardim, há um terraço de

onde se vê o Sena. Virginie passeava apoiada em seu braço, sobre as folhas de pânpano caídas. Por vezes o sol, atravessando as nuvens, forçava-a a piscar os olhos, enquanto observava ao longe as velas dos barcos e todo o horizonte, do castelo de Tancarville aos faróis de Le Havre. Em seguida, repousavam sob o caramanchão. A mãe conseguira uma pequena barrica de excelente vinho de Málaga; e, rindo à idéia de se embriagar, Virginie bebia dois dedos, nenhum a mais.

Suas forças ressurgiram. O outono transcorreu suavemente. Félicité tranqüilizava a sra. Aubain. Mas, numa tarde em que fora fazer compras na vizinhança, deu com o cabriolé do sr. Poupart diante da porta; ele estava no vestibulo. A sra. Aubain dava um laço no chapéu.

—Vá pegar meu aquecedor, minha bolsa, minhas luvas; rápido, vamos!

Virginie tivera uma fluxão; talvez não houvesse mais esperança.

— Ainda não — disse o médico; e os dois subiram na carruagem, sob os flocos de neve que volteavam em turbilhão. A noite estava para cair. Fazia muito frio.

Félicité precipitou-se para a igreja, para acender um círio. Depois correu atrás do cabriolé, que alcançou uma hora mais tarde, saltando com leveza para a traseira, onde se segurava na beirada, quando um pensamento lhe ocorreu: “o pátio não estava trancado, e se algum ladrão entrasse?”. E desceu da carruagem.

No dia seguinte, logo de madrugada, foi até a casa do médico. Ele voltara e saíra de novo para o campo. Ela esperou no albergue, imaginando que algum desconhecido traria uma carta. Por fim, mal raiou o sol, tomou a diligência de Lisieux.

O convento encontrava-se ao final de uma rua escarpada.

A meio caminho, ouviu sons estranhos, um toque de finados. “Deve ser para outra pessoa”, pensou; e Félicité bateu violentamente com a aldrava.

Ao cabo de vários minutos, um par de tamancos veio se arrastando, a porta se entreabriu e uma religiosa apareceu.

A boa irmã disse com ar contrito que ela “acabara de partir”. Ao mesmo tempo, os sinos de Saint-Léonard tornavam a dobrar.

Félicité subiu ao segundo andar.

Da porta do quarto, viu Virginie estendida de costas, as mãos juntas, a boca aberta e a cabeça caída para trás, sob uma cruz negra inclinada, entre cortinas imóveis, menos pálidas que seu rosto. A sra. Aubain, ao pé do leito que ela apertava entre os braços, soluçava de agonia. A madre superiora estava em pé, à direita. Três candelabros sobre a cômoda formavam manchas rubras, e o nevoeiro embranquecia as janelas. As religiosas levaram a sra. Aubain embora.

Por duas noites, Félicité não abandonou a morta. Repetia as mesmas preces, jogava água-benta sobre os lençóis, voltava a se sentar e a contemplava. Ao fim da primeira vigília, notou que o rosto ficara mais amarelo, os lábios, mais azuis, o nariz se afinava, os olhos se afundavam. Beijou-os várias vezes, e não teria ficado imensamente espantada se Virginie os abrisse de novo; para almas assim, o sobrenatural é bem simples. Lavou-a, envolveu-a no sudário, deitou-a no caixão, ajeitou-lhe a coroa, arrumou seus cabelos. Eram loiros e extraordinariamente longos para a idade. Félicité cortou uma boa mecha, da qual escondeu metade no peito, decidida a jamais se desfazer deles.

O corpo foi trazido de volta a Pont-l'Évêque, segundo a vontade da sra. Aubain, que seguia o cortejo fúnebre em uma carruagem fechada.

Após a missa, foram precisos mais três quartos de hora até chegar ao cemitério. Paul caminhava à frente e soluçava. O sr. Bourais vinha logo atrás, em seguida os notáveis do lugar, as mulheres, cobertas de mantos negros, e Félicité. Ela pensava no sobrinho e, não tendo podido render-lhe aquelas homenagens, sentia uma tristeza ainda maior, como se o enterrassem junto com a outra.

O desespero da sra. Aubain foi ilimitado.

De início, ela se revoltou contra Deus, julgando-o injusto por haver levado sua filha – ela, que jamais fizera mal nenhum e cuja consciência era tão pura! Mas, não! Devia tê-la levado para o Sul. Outros médicos a teriam salvado! Acusava-se, queria revê-la, gritava de aflição em meio aos sonhos. Um, sobretudo, obsedava-a. Seu marido, em trajes de marinheiro, voltava de uma longa viagem e lhe dizia, chorando, que tinha recebido ordem de levar Virginie embora. E os dois se juntavam para encontrar um esconderijo em algum lugar.

Certa vez, voltou transtornada do jardim. Pouco antes (ela mostrava o lugar), pai e filha haviam aparecido, um ao lado do outro, sem fazer nada; fitavam-na.

Por vários meses, ficou no quarto, inerte. Félicité ralhava brandamente; ela precisava se guardar, pelo filho e pela outra, pela memória “dela”.

– “Dela”? – retrucava a sra. Aubain, como se despertasse. – Ah, sim, sim... Você não se esquece dela! – alusão ao cemitério, que lhe haviam escrupulosamente proibido.

Félicité ia todos os dias até lá.

Às quatro em ponto, passava rente às casas, subia pela encosta, abria a cancela e chegava à tumba de Virginie. Era uma pequena coluna de mármore rosa, com uma lápide no chão e correntes em

volta, encerrando um jardinzinho. As platibandas desapareciam sob uma cobertura de flores. Félicité regava a folhagem, trocava a areia, ajoelhava-se para melhor trabalhar a terra. Quando pôde vir, a sra. Aubain sentiu um alívio, uma espécie de consolo.

Depois os anos se escoaram, todos parecidos e sem mais episódios que o retorno das grandes festas: Páscoa, Assunção, Todos-os-Santos. Acontecimentos íntimos marcavam uma data, à qual mais tarde se fazia menção. Assim, em 1825, dois vidra-ceiros caíram o vestibulo; em 1827, um pedaço do teto, caindo no pátio, por pouco não matou um homem. No verão de 1828, foi a vez da sra. Aubain de oferecer o pão bento; Bourais, por essa época, ausentou-se misteriosamente; e os velhos conhecidos pouco a pouco se foram: Guyot, Liébard, a sra. Lechaptois, Robelin, o tio Gremenville, paralisado havia tempo.

Uma noite, o condutor da mala-posta anunciou em Pont-l'Évêque a Revolução de Julho. Um novo subprefeito foi nomeado poucos dias depois: o barão de Larsonnière, ex-cônsul na América, e que trazia consigo, além da esposa, também a cunhada com três moças já crescidas. Eram vistas em seu jardim, vestindo blusas bufantes; possuíam um negro e um papagaio. A sra. Aubain recebeu-as em visita, e não deixou de retribuir. Assim que apareciam ao longe, Félicité corria para avisá-la. Mas só uma coisa era capaz de comovê-la – as cartas do filho.

Este não conseguia seguir nenhuma carreira, absorto que estava nos botequins. A sra. Aubain pagava suas dívidas; ele fazia outras; e os suspiros que ela soltava, tricotando junto à janela, chegavam até Félicité, que girava o fuso na cozinha.

Passeavam juntas ao longo da latada; e falavam sempre de Virginie, imaginando se teria gostado de tal coisa, o que teria dito em tal ocasião.

Todas as suas coisinhas ocupavam um armário no quarto com as duas camas. A sra. Aubain examinava-as o menos possível. Certo dia de verão, resignou-se a tanto; e algumas borboletas saíram voando de dentro.

Seus vestidos estavam alinhados sob uma prateleira em que havia três bonecas, aros de madeira, móveis de brinquedo, a bacia que ela usava. As duas mulheres retiraram também as saias, as meias, os lenços, e os estenderam sobre as duas camas, antes de tornar a dobrá-los. O sol iluminava aqueles pobres objetos, revelando as manchas e os vincos formados pelos movimentos do corpo. O dia estava azul e quente, um melro gorjeava, tudo parecia viver numa doçura profunda. Acharam um chapeuzinho de pelúcia, de fios compridos e cor marrom: mas estava todo carcomido pelas traças. Félicité quis ficar com ele. Os olhos das duas se fixaram, uma na outra, encheram-se de lágrimas; por fim a patroa abriu os braços, a criada se lançou; e as duas se abraçaram, saciando sua dor em um beijo que as igualava.

Era a primeira vez na vida, a sra. Aubain não sendo de natureza expansiva. Félicité sentiu-se grata, como por uma dádiva, e desde então cuidou dela com devoção bestial e veneração religiosa.

A bondade de seu coração se expandiu.

Quando ouvia na rua os tambores de um regimento em marcha, ela corria para a porta com uma bilha de sidra e dava de beber aos soldados. Cuidou dos doentes de cólera. Protegia os poloneses*, e houve até um que dizia querer esposá-la. Mas os dois se desentenderam, pois, certa manhã, voltando do ângelus, ela o encontrou instalado na cozinha, comendo tranqüilamente uma salada que havia preparado.

* Refugiados da violenta repressão russa à revolta de 1830. [N.T.]

Depois dos poloneses, foi a vez do pai Colmiche, um velho que diziam ter feito horrores em 93. Vivia à beira do rio, nos escombros de um chiqueiro. Os moleques espiavam-no pelas frestas da parede e jogavam pedregulhos no catre em que ele jazia, continuamente sacudido por um catarro, os cabelos muito compridos, as pálpebras inflamadas e, no braço, um tumor maior que sua cabeça. Félicité conseguiu algumas roupas, tratou de limpar a pocilga, tinha vontade de acomodá-lo junto ao forno, sem incomodar a sra. Aubain. Quando o câncer vazou, fez curativos todos os dias, às vezes lhe trazia bolo, levava-o para tomar sol, sentado num feixe de palha; e o pobre velho, babando e tremendo, agradecia com a voz sumida, tinha medo de perder Félicité, esticava os braços assim que a via se afastar. Ele morreu; e ela mandou rezar uma missa pelo descanso de sua alma.

Nesse dia, teve uma grande alegria: na hora do jantar, o negro da sra. de Larsonnière apareceu, trazendo o papagaio na gaiola, mais o poleiro, a corrente e o cadeado. Um bilhete da baronesa anunciava à sra. Aubain que, tendo o marido sido promovido a uma prefeitura, partiriam naquela noite; e rogava que aceitasse aquele pássaro como lembrança e como penhor de seu respeito.

Fazia tempo que ele ocupava a imaginação de Félicité, pois vinha da América, e essa palavra fazia-a lembrar de Victor, a tal ponto que se informava a respeito junto ao negro. Certa vez, chegara a dizer: "A sra. Aubain gostaria tanto de tê-lo!".

O negro contara a história à patroa, que, não tendo como levar o papagaio, encontrava assim um meio de se livrar dele.

Chamava-se Lulu. O corpo era verde, a ponta das asas, rosa, a cabeça, azul, e o pescoço, dourado.

Mas ele tinha a mania irritante de morder o poleiro, arrancava as próprias penas, espalhava a sujeira, derramava a água da bacia; a sra. Aubain, irritada, deu-o de vez a Félicité.

Ela tratou de ensiná-lo; logo ele repetia: "Belo rapaz! Às ordens, meu senhor! Eu te saúdo, Maria!". Ficava junto à porta, e muitos se espantavam que ele não atendesse pelo nome de Jacquot, uma vez que todos os papagaios se chamam Jacquot. Comparavam-no a um peru, a um bicho bobo: eram punhaladas em Félicité! Estranha obstinação de Lulu, que parava de falar assim que olhavam para ele!

Mesmo assim, buscava companhia; pois, aos domingos, quando *aquelas* senhoritas Rochefeuille, o sr. de Houpeville e os novos convidados — o boticário Onfroy, o sr. Varin e o capitão Mathieu — jogavam sua partida de cartas, ele dava com as asas nas vidraças e se debatia tão furiosamente que era impossível ouvir um ao outro.

As feições de Bourais certamente lhe pareciam muito engraçadas. Tão logo o percebia, começava a rir, a rir com todas as forças. O alarido de sua voz batia no pátio, um eco o repetia, os vizinhos vinham até a janela, riam também; e, para não ser avistado pelo papagaio, o sr. Bourais andava rente às paredes, dissimulando o perfil com o chapéu, chegava ao rio e entrava pela porta do jardim; os olhares que dirigia ao pássaro não demonstravam ternura.

Lulu levava um piparote do empregado do açougue, tendo-se permitido meter a cabeça em seu cesto; e, desde então, tratava sempre de beliscá-lo através da camisa. Fabu ameaçava torcer-lhe o pescoço, ainda que não fosse cruel, a despeito da tatuagem nos

braços e dos grossos bigodes. Ao contrário! Até gostava do papagaio, a ponto de querer, por humor jovial, ensinar-lhe palavras. Félicité, assustada com esses modos, trouxe-o para a cozinha. Retirou a corrente, e Lulu circulava pela casa.

Quando descia a escada, apoiava nos degraus a curva do bico, levantava a pata direita, depois a esquerda; e Félicité tinha medo que tanta ginástica lhe causasse tonturas. Adoeceu, não conseguia mais falar nem comer. Havia uma crosta sob sua língua, como a que as galinhas às vezes têm. Ela cuidou dele, arrancando a película com as unhas. O sr. Paul, um dia, teve a imprudência de lhe soprar nas narinas a fumaça de um charuto; outra vez, quando a sra. Lormeau o espicaçava com a ponta da sombrinha, Lulu abocanhou a virola; por fim, ele se perdeu.

Ela o deixara sobre a grama, para que se refrescasse; ausentou-se por um minuto e, quando voltou, nada de papagaio! Procurou-o primeiro nos arbustos, à beira-rio e em cima dos telhados, sem dar ouvidos à patroa, que gritava: "Cuidado! Está maluca!". Depois, inspecionou todos os jardins de Pont-l'Évêque; e detinha os passantes: "O senhor não teria visto, alguma hora, por acaso, o meu papagaio?". Aos que não conheciam o papagaio, ela dava uma descrição. Subitamente, julgou distinguir, atrás dos moinhos, ao pé da colina, uma coisa verde que esvoaçava. Mas, do alto da colina, nada! Um vendedor ambulante afirmou ter dado com ele logo antes, em Saint-Melanie, na venda da velha Simon. Correu para lá. Ninguém sabia do que estava falando. Por fim, voltou para casa, esgotada, os tamancos aos pedaços, a morte na alma; e, sentada no meio do banco, ao lado da Senhora, contou todas as suas andanças, quando um leve peso caiu sobre seu ombro: Lulu! Que diabo andara fazendo? Talvez tivesse passeado pelas redondezas!

Ela custou a se recompor, ou melhor, não se recompôs jamais.

Em consequência de um resfriado, desenvolveu uma angina; pouco tempo depois, um doença de ouvido. Três anos mais tarde, estava surda e falava muito alto, mesmo na igreja. Por mais que seus pecados pudessem, sem desonra para ela nem inconveniente para o mundo, espalhar-se pelos quatro cantos da diocese, o senhor padre julgou conveniente receber sua confissão apenas na sacristia.

Uns zumbidos ilusórios acabaram de aturdi-la. Muitas vezes a patroa lhe dizia: "Meu Deus! Como você é burra!"; ela replicava: "Sim, senhora", procurando alguma coisa ao redor.

O pequeno círculo de suas idéias estreitou-se ainda mais, e o carrilhão dos sinos, o mugido dos bois não existiam mais. Todos os seres funcionavam com o silêncio dos fantasmas. Um único ruído chegava agora a seus ouvidos, a voz do papagaio.

Como para distraí-la, ele reproduzia o tique-taque da manivela do espeto, o chamado agudo de um peixeiro, a serra do carpinteiro que trabalhava na casa em frente; e, aos toques da campainha, imitava a sra. Aubain: "Félicité, a porta, a porta!".

Os dois conversavam, ele, recitando à saciedade as três frases de seu repertório, e ela, respondendo com palavras sem nexos, em que expandia o coração. Em seu isolamento, Lulu era quase um filho, um namorado. Escalava os dedos dela, mordiscava seus lábios, agarrava-se a seu fichu; e, quando ela inclinava o rosto, balançando a cabeça à maneira das babás, as abas compridas da touca e as asas do papagaio tremiam juntas.

Quando as nuvens se amontoavam e o trovão rugia, ele soltava gritos, talvez recordando os aguaceiros de suas florestas natais. O correr da água excitava seu delírio; esvoaçava espavorido, subia até o teto, derrubava tudo e saía pela janela para chapinhar no

jardim, mas logo voltava para cima dos ferros da lareira e, saltitando para secar as plumas, mostrava ora a cauda, ora o bico.

Certa manhã do terrível inverno de 1837, em que o levara para a frente da lareira, por causa do frio, ela o encontrou morto, no meio da gaiola, a cabeça para baixo e as garras apertadas aos arames. Uma congestão o matara, quem sabe? Ela pensou em envenenamento por salsa; e, apesar da ausência de qualquer prova, suas suspeitas recaíram sobre Fabu.

Ela chorou de tal maneira que a patroa lhe disse: "Pois, então, mande empalhar!".

Pediu conselho ao farmacêutico, que sempre fora bondoso para com o papagaio.

Ele escreveu para Le Havre. Um certo Fellacher encarregou-se da tarefa. Mas como a diligência por vezes trocava os pacotes, Félicité resolveu levá-lo, ela mesma, até Honfleur.

As macieiras desfolhadas sucediam-se nos dois lados da estrada. Havia gelo cobrindo os fossos. Os cachorros latiam junto às granjas; e, as mãos sob o manto curto, com os tamancos negros e o cesto, ela marchava ligeira pelo meio do caminho.

Atravessou a floresta, ultrapassou Haut-Chêne, chegou a Saint-Gatien.

Atrás dela, em uma nuvem de poeira e embalada pela descida, uma mala-posta em galope solto precipitou-se como uma tromba d'água. Vendo aquela mulher que não se perturbava, o condutor ergueu-se na capota, e o postilhão gritava também, enquanto os quatro cavalos, que não havia como frear, aceleravam o passo; os dois primeiros esbarraram nela; com um repelão nas rédeas, o condutor jogou-os para o lado da estrada, mas, furioso, levantou o braço e, com o longo chicote, desferiu-lhe do ventre ao coque um golpe tão forte que ela caiu de costas.

Seu primeiro gesto, quando recobrou a consciência, foi de abrir o cesto. Lulu não sofrera nada, felizmente. Sentiu uma ardência na face direita; levou as mãos até ali, estavam vermelhas. O sangue escorria.

Sentou-se num marco de pedregulhos empilhados, enxugou o rosto com o lenço, depois comeu uma crosta de pão, posta no cesto por cautela, e se consolava da ferida contemplando o pássaro.

Chegando aos altos de Ecquemauville, Félicité viu as luzes de Honfleur, que cintilavam na noite como uma multidão de estrelas; o mar, mais ao longe, espalhava-se confusamente. Então uma fraqueza a deteve; e a miséria da infância, a decepção do primeiro amor, a partida do sobrinho, a morte de Virginie, como ondas de uma maré, voltaram de uma só vez e, subindo-lhe à garganta, sufocavam-na.

Depois quis falar com o capitão do barco; e, sem dizer o que estava mandando, fez-lhe recomendações.

Fellacher ficou com o papagaio por muito tempo. Prometia-o sempre para a semana seguinte; ao cabo de seis meses, anunciou a remessa de uma caixa; e não se falou mais nisso. Era de se acreditar que Lulu não voltaria jamais. "Devem tê-lo roubado!", pensava ela.

Enfim, ele chegou – e esplêndido, aprumado sobre um galho de árvore que se atarrachava a um pedestal de mogno, com uma pata no ar, a cabeça oblíqua e mordendo uma noz, que o empalhador havia dourado, por amor ao grandioso.

Ela o trancou em seu quarto.

Esse lugar, ao qual admitia poucas pessoas, tinha um ar ao mesmo tempo de capela e de bazar, tantos eram os objetos de culto e as coisas heteróclitas que continha.

Um grande armário emperrava a porta. Do lado oposto à janela que dominava o jardim, uma clarabóia dava para o pátio; uma mesa, junto à cama de lona, amparava uma bilha, dois pentes e um cubo de sabão azul num pratinho rachado. Nas paredes, viam-se rosários, medalhas, várias Virgens, uma pia de água-benta em casca de coco; sobre a cômoda, coberta por uma toalha como se fosse um altar, a caixa revestida de conchas que Victor lhe dera; mais um regador e uma bola, cadernos de caligrafia, o atlas com gravuras, um par de botinas; e, no prego do espelho, atado pelas fitas, o chapeuzinho de pelúcia! Félicité levava essa espécie de respeito tão longe que conservava uma das sobrecasacas do patrão. Todas as velharias que a sra. Aubain não queria mais, ela as levava para o quarto. Assim, havia flores artificiais à beira da cômoda e o retrato do conde de Artois no vão da lucarna.

Por meio de uma tabuinha, Lulu foi acomodado sobre uma saliência da lareira que avançava pelo quarto. Toda manhã, ao despertar, ela o via à claridade da aurora e recordava dias passados e ações insignificantes, em seus menores detalhes, sem dor, plena de tranqüilidade.

Não se comunicando com ninguém, vivia num torpor de sonâmbula. Animava-se com as procissões de Corpus Christi. Procurava as vizinhas, atrás de candelabros e capachos, para enfeitar o altar que erguiam na rua.

Na igreja, contemplava sempre o Espírito Santo, e observou que tinha alguma coisa do papagaio. A semelhança pareceu-lhe ainda mais manifesta numa imagem de Épinal, representando o batismo de Nosso Senhor. Com suas asas de púrpura e seu corpo de esmeralda, era realmente o retrato de Lulu.

Tendo comprado a imagem, pendurou-a no lugar do conde de Artois, de modo que, com um só olhar, ela os via juntos. Os dois

se associaram em seu pensamento, o papagaio santificado por essa relação com o Espírito Santo, que se tornava mais vivo a seus olhos, e inteligível. Deus-Pai, quando quis se pronunciar, não podia ter escolhido uma pomba, uma vez que esses animais não têm voz, mas sim um dos ancestrais de Lulu. E Félicité rezava, fitando a imagem, mas de tanto em tanto se virava de leve para o pássaro.

Quis entrar para as Filhas de Maria. A senhora Aubain a dissuadiu.

Um evento considerável se apresentou: o casamento de Paul.

Depois de ter sido escrivão de cartório e trabalhado no comércio, na alfândega, no fisco e ter mesmo assuntado as águas e florestas, subitamente, aos trinta e seis anos, por uma inspiração dos céus, descobrira seu caminho: o cartório de registros! E dava mostras de tantas faculdades que um fiscal lhe oferecera a filha, prometendo proteção.

Paul, agora homem sério, levou-a até sua mãe.

A moça denegriu os costumes de Pont-l'Évêque, fez-se de princesa, magoou Félicité. Quando partiu, a sra. Aubain sentiu um alívio.

Na semana seguinte, souberam da morte do sr. Bourais, na Baixa Bretanha, num albergue. O rumor de suicídio se confirmou; surgiram dúvidas quanto a sua probidade. A sra. Aubain examinou suas contas e não tardou a dar com uma fieira de perfidias: desvio de pagamentos, vendas de madeira às escondidas, recibos falsos etc. Além disso, tinha um filho natural e "relações com uma certa pessoa de Dozulé".

Essas baixezas afligiram-na muitíssimo. No mês de março de 1853, foi tomada por uma dor no peito; sua língua parecia coberta de fumaça, as sanguessugas não acalmaram a opressão; e na nona noite ela expirou, exatamente aos setenta e dois anos.

Julgavam-na menos velha, por causa de seus cabelos castanhos, cujos cachos envolviam o rosto macilento, marcado pela variola. Poucos amigos a lamentaram, a soberba de seus modos afastava as pessoas.

Félicité a chorou como não se choram os patrões. Que a Senhora morresse antes dela era algo que perturbava suas idéias, parecia-lhe contrário à ordem das coisas, inadmissível e monstruoso.

Dez dias depois (o tempo de chegar de Besançon), os herdeiros apareceram. A nora revirou as gavetas, escolheu alguns móveis, vendeu outros; depois, voltaram aos registros.

A poltrona da Senhora, a mesinha, o aquecedor, as oito cadeiras, tudo se fora! O lugar das gravuras desenhava-se em quadrados amarelôs no meio dos tabiques. Tinham levado as duas caminhas com os colchões, e no armário não se via mais nada dos objetos de Virginie! Félicité subiu as escadas, ébria de tristeza.

No dia seguinte, havia um cartaz na porta; o boticário gritou-lhe ao ouvido que a casa estava à venda.

Ela cambaleou e foi obrigada a se sentar.

O que mais a desolava era abandonar seu quarto, tão confortável para o pobre Lulu. Envolvendo-o com um olhar de angústia, implorava ao Espírito Santo, e contraiu o costume idólatra de fazer as orações ajoelhada diante do papagaio. Por vezes, o sol que entrava pela lucarna batia em seu olho de vidro e fazia jorrar um grande raio luminoso, que a levava ao êxtase.

Tinha uma renda de trezentos e oitenta francos que a patroa lhe legara. O jardim fornecia legumes. Quanto às roupas, tinha com que se vestir até o fim de seus dias, e poupava a luz, deitando-se logo ao crepúsculo.

Não saía nunca, a fim de evitar a loja do antiquário, onde alguns dos antigos móveis estavam em exposição. Desde quando

tivera o desmaio, ela arrastava uma das pernas; e, suas forças diminuindo, a velha Simon, arruinada com o armazém, vinha todas as manhãs rachar lenha e bombear água.

Seus olhos enfraqueceram. As persianas não abriam mais. Muitos anos se passaram. E a casa não se alugava, nem se vendia.

Por medo de ser expulsa, Félicité não pedia nenhum reparo. As ripas do teto apodreciam; durante um inverno inteiro, seu travesseiro ficou molhado. Depois da Páscoa, ela cuspiu sangue.

Então a velha Simon recorreu a um médico. Félicité quis saber o que tinha. Mas, surda demais para escutar, uma única palavra chegou até ela: "Pneumonia". Ela a conhecia e replicou suavemente: "Ah, como a Senhora", parecendo-lhe natural seguir a patroa.

A época dos altares de rua chegou.

O primeiro ficava sempre ao pé da encosta, o segundo diante dos correios, o terceiro pelo meio da rua. Houve rivalidades a propósito deste último; e as paroquianas acabaram por escolher o pátio da sra. Aubain.

As opressões e a febre aumentavam. Félicité lastimava-se de não fazer nada pelo altar. Se ao menos pudesse colocar alguma coisa! Então, lembrou do papagaio. Não era conveniente, objetaram as vizinhas. Mas o padre concedeu a permissão; ela ficou tão contente que lhe pediu que, uma vez morta, ele aceitasse Lulu, sua única riqueza.

Da terça-feira ao sábado, véspera de Corpus Christi, tossiu com mais frequência. À noite, o rosto se contraía, os lábios se colavam às gengivas, os vômitos começaram; e no dia seguinte, de madrugada, sentindo-se muito fraca, pediu que chamassem um padre.

Três boas mulheres rodeavam-na durante a extrema-unção. Depois, ela declarou que precisava falar com Fabu.

Ele chegou em trajes domingueiros, pouco à vontade naquela atmosfera lúgubre.

– Me perdoe – disse ela, com um esforço para estender o braço –, eu pensava que você o tinha matado!

Que significava aquele despautério? Suspeito de assassinato, um homem como ele! E se indignava, quis criar caso. "Ela perdeu o juízo, logo se vê!"

De tanto em tanto, Félicité falava com as sombras. As boas mulheres tomaram distância. A Simonne foi tomar o café da manhã.

Um pouco mais tarde, pegou Lulu e, aproximando-o de Félicité:

– Vamos! Diga adeus a ele!

Ainda que não fosse um cadáver, os vermes o devoravam; uma das asas estava quebrada, a estopa escapava pela barriga. Mas, cega a essa altura, ela o beijou na cabeça e o apertou contra a face. A Simonne tomou-o de volta, para colocá-lo no altar.

V

As pastagens exalavam o odor do verão; as moscas zumbiam; o sol fazia reluzir o rio, esquentava as ardósias. A velha Simon, de volta ao quarto, dormitava suavemente.

Toques de sino a despertaram; era a saída das vésperas. O delírio de Félicité cedeu. Pensando na procissão, ela a via como se a seguisse.

Todas as crianças das escolas, os chantres e os bombeiros caminhavam pelas calçadas, enquanto, no meio da rua, avançavam o guarda suíço com sua alabarda, o sacristão com sua grande

cruz, o mestre-escola vigiando os meninos, a religiosa, inquieta por suas meninas; três das mais bonitas, frisadas como anjos, jogavam pétalas de rosa para o ar; o diácono, de braços abertos, moderava a música; e dois turibulários voltavam-se a cada passo para o Santíssimo Sacramento, levado pelo senhor padre em sua bela casula, sob um dossel de veludo encarnado que quatro fabriqueiros carregavam. Um mar de gente se apertava mais atrás, entre as toalhas brancas que cobriam a parede das casas; e chegaram ao pé da encosta.

Um suor frio molhava as têmporas de Félicité. A Simonne enxugava-a com um pano, dizendo consigo que um dia também teria que passar por aquilo.

O murmúrio da multidão aumentou, ficou muito forte por um instante, distanciava-se.

Uma salva de tiros sacudiu as vidraças. Eram os postilhões saudando o ostensório. Félicité remexeu as pupilas e disse, o menos baixo que pôde:

– Ele está bem? – atormentada por conta do papagaio.

Sua agonia começou. Um estertor, mais e mais precipitado, erguia-lhe as costas. Borbulhos de saliva escorriam pelos cantos da boca, e todo o seu corpo tremia.

Logo se distinguiu o ronco dos oficlides, as vozes claras das crianças, a voz profunda dos homens. A intervalos, tudo se calava, e o barulho dos passos, amortecidos pelas flores, parecia-se com o ruído de um rebanho sobre a relva.

O clero entrou no pátio. A Simmone subiu numa cadeira para alcançar a clarabóia, e assim dominava o altar.

Guirlandas verdes pendiam por cima dele, enfeitado por um falbalá em ponto inglês. Havia bem no meio um pequeno quadro com relíquias, duas laranjeiras nos cantos e, de um lado ao

outro, candelabros de prata e vasos de porcelana, dos quais se projetavam girassóis, lírios, peônias, dedaleiras e buquês de hortênsias. Esse amontoado de cores brilhantes descia obliquamente, do primeiro andar até o tapete que se prolongava sobre o pavimento; e objetos raros atraíam os olhos. Um açucareiro de prata dourada tinha uma coroa de violetas, pingentes de pedra de Alençon brilhavam sobre o musgo, dois biombos chineses exibiam suas paisagens. De Lulu, escondido sob rosas, não se via mais que a cabeça azul, parecida a uma placa de lápis-lazúli.

Os fabriqueiros, os chantres, as crianças alinharam-se pelos três cantos do pátio. O padre subiu lentamente os degraus e depôs sobre a renda o grande ostensório dourado, que resplandecia. Todos se ajoelharam. Fez-se um grande silêncio. E os incensórios, a todo ímpeto, deslizavam nas correntes.

Um vapor de azul subiu pelo quarto de Félicité. Ela avançou as narinas, aspirando-o com uma sensualidade mística; depois, fechou as pálpebras. Seus lábios sorriam. Os movimentos de seu coração diminuíram um a um, cada vez mais vagos, mais suaves, como uma fonte se esgota, como um eco desaparece; e, quando exalou o último suspiro, ela acreditou ver nos céus entreabertos um papagaio gigantesco, planando acima de sua cabeça.